

BEATRIZ MOREIRA ALMEIDA

**O PROJETO COTTON-4 – “APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO
SETOR ALGODOEIRO DOS PAÍSES DO COTTON-4”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais para a Universidade de Brasília, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr^a Cristina Yumie Aoki Inoue

BRASÍLIA
2011

Artigo

O PROJETO COTTON-4 – “APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO SETOR ALGODOEIRO DOS PAÍSES DO COTTON-4”

COTTON-4 PROJECT – “SUPPORT TO THE DEVELOPMENT OF THE COTTON SECTOR IN THE C-4 COUNTRIES”

Introdução

O artigo objetiva estudar a cooperação entre o Brasil e quatro países africanos (Benin, Burkina Faso, Chade e Mali), com foco no Cotton-4, um importante projeto de cooperação técnica - de 2009, ano de sua criação, até 2011, data do desenvolvimento deste artigo. A partir do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) as iniciativas no continente africano aumentaram e estreitaram os laços entre ambos, abrindo portas para demandas de cooperação técnica.

O projeto de cooperação técnica entre os quatro países africanos intitulado “Apoio ao Desenvolvimento do Setor Algodoeiro dos Países do C-4”, ou simplesmente Cotton-4 (C-4), é fruto de um acordo entre Brasil e União Africana para promover a cooperação técnica para o desenvolvimento sustentável do algodão (ABC, 2010), e, ao mesmo tempo, ajudar as nações africanas envolvidas a superar os prejuízos causados pelos subsídios aplicados pelos países desenvolvidos na produção do algodão (Santos: 2011).

A partir da experiência brasileira na utilização de tecnologias para produção do algodão e controle de pragas, o país viu-se em condições de cooperar com a África. Os países do Cotton-4 possuem as mesmas condições climáticas que as regiões brasileiras produtoras de algodão, fator comum e relevante para aplicação do conhecimento brasileiro no cultivo do algodão naqueles países.

O presente artigo analisa as principais contribuições da cooperação para os países envolvidos, principalmente os recebedores, assim como avalia os desafios enfrentados até 2011, objetivando, especificamente, examinar brevemente a política externa do Brasil para a África, focando a cooperação Sul-Sul e as relações brasileiras com os quatro países do C-4 e as origens do projeto; descrever a dinâmica e gestão do projeto, apresentando dados e informações sobre sua execução; mostrar como o

conhecimento brasileiro no cultivo do algodão pôde ser utilizado como instrumento para cooperação técnica com os países do C-4; identificar os desafios/dificuldades enfrentados ao longo da realização do projeto; avaliar se os objetivos pré-estabelecidos foram plenamente alcançados e proceder à análise do projeto em linhas gerais.

Para a análise, foram utilizados dados de fontes bibliográficas, pesquisa documental e contribuições de pessoas diretamente envolvidas na realização do Cotton-4, como a técnica da Secretaria de Relações Internacionais da EMBRAPA, responsável por acompanhar as atividades do C-4.

A primeira parte trata da política externa brasileira para a África, desde a chegada dos primeiros africanos ao país até o governo Lula; ainda nessa etapa faz-se breve histórico da cooperação Sul-Sul.

A segunda parte discorre de forma sintética as características dos países que compõe o C4, seus principais traços e participação no projeto.

A terceira e última parte estuda o Cotton-4, sua origem, objetivos, atividades e fases, e analisa as principais contribuições e desafios do projeto.

1. POLÍTICA EXTERNA AFRICANA (1822-2010)

A Política Externa Africana até o governo Lula (1822-2002)

O século XVI marca o início do relacionamento do Brasil com a África, com a chegada dos primeiros escravos na América portuguesa. Atravessando os séculos XVII e XVIII, somente a partir do século XIX, com a promulgação da lei Euzébio de Queiroz, que punha termo ao tráfico escravista, o comércio de escravos deixa de ser negócio lucrativo para o Brasil que se distancia do continente africano. Dessa forma, o relacionamento inicial com a África acontece somente no plano do comércio de escravos (Santos: 2011).

Mais tarde, na primeira metade do século XX, o Brasil limita-se a manter relações com a África do Sul, único país que poderia oferecer oportunidades comerciais ao governo brasileiro e que, à época, era a nação mais desenvolvida do continente africano. O que se seguiu ao longo da segunda metade desse século até o governo Juscelino Kubitschek foi uma política de “avanços e recuos”, conforme batiza o historiador Gerson Moura, devido ao seu caráter ambíguo, pois na teoria o Brasil defendia a descolonização, mas na prática reforçava os laços com Portugal (Santos: 2011).

Entretanto o lançamento da Política Externa Independente (PEI) no governo Jânio Quadros é o marco inicial de formação de uma política africana verdadeira no Ministério das Relações Exteriores (MRE) que visava melhorar a inserção internacional do país. Um dos pressupostos para isso era a defesa da autodeterminação dos povos e o Brasil serviu de apoio aos processos de descolonização no continente africano (Idem).

Durante os governos militares de Castello, Costa e Silva e Médici, houve desde um retraimento das relações entre Brasil e o continente africano, se comparados com os anos da Política Externa Internacional, até uma reaproximação, mediante incremento na cooperação em diversas áreas. No governo de Castello Branco, segundo Visentini (2010), houve maior ênfase na aproximação política em vez do tradicional enfoque na cooperação política e econômica. Costa e Silva busca resgatar o ideário da PEI e o estabelecimento de representações diplomáticas em nações africanas recém-descolonizadas, como Costa do Marfim, Uganda, Zâmbia e Tanzânia. No governo Médici há evidente esforço da diplomacia brasileira em estreitar laços com o continente africano, com a criação de embaixadas na África, além da realização de visitas a países

daquele continente. (Vargas: 2005 e Visentini: 2010). Buscava-se, também, o estreitamento de laços comerciais com o continente negro (Idem).

Ainda no regime militar, a gestão Geisel (1974-1979) enfatiza a promoção de interesses comerciais e a abertura de novos mercados, especialmente com os países produtores de petróleo; sob Geisel, o Brasil resolve sua pendência colonial com o continente africano mediante uma diplomacia do “pragmatismo responsável e ecumênico”, adotando uma política mais assertiva no processo de descolonização das províncias ultramarinas portuguesas (Santos: 2011). Durante o governo Figueiredo há um incremento da cooperação Brasil e África em diversas áreas e expansão contínua do comércio com os países africanos e o aumento do número das representações desses países em Brasília (Visentini: 2010).

Os anos que se seguiram ao regime militar, conhecidos como “Nova República”, são marcados pelos governos de José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. No governo José Sarney, mantém-se as linhas gerais da política definida por Geisel e Figueiredo. Há avanços no combate ao racismo além da proposta de Sarney para a criação do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP).¹ No governo Collor, a política para a África experimenta um período de esfriamento cuja ênfase foi no relacionamento com os países desenvolvidos; há uma queda do comércio bilateral com o Brasil, além da redução do número de diplomatas no continente africano (Saraiva: 1996). Entretanto, ainda no governo Collor de Melo, ressalta-se a realização da I Cúpula do Grupo dos 15, na Malásia, cujo objetivo era fomentar a cooperação horizontal e desempenhar o papel de foro de consulta e concertação política dos países em desenvolvimento (Garcia: 2005). Na gestão Itamar Franco, a África volta a receber atenção por meio de relacionamentos privilegiados com a África do Sul (pós-apartheid), Nigéria e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palops), contudo, permanecendo em segundo plano durante o governo Fernando Henrique Cardoso com certo destaque para as relações com os Palops e para as participações brasileiras em missões humanitárias na ONU (Santos: 2011).

¹ O IILP, com sede na República do Cabo Verde, seria criado uma década mais tarde, na VI Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), EM São Tomé e Príncipe. Entre os objetivos fundamentais do IILP, destacam-se: “a promoção, a defesa, o enriquecimento e a difusão da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização oficial em fóruns internacionais.” Para maiores informações ver <<http://www.iilp-cplp.cv/>> . Acesso em: 20/01/2012.

A Política Externa Africana no Governo Lula (2003-2010)

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (2003) atribui novos rumos ao relacionamento Brasil/África. Com ela o continente africano torna-se prioritário para o Brasil, perdendo em importância estratégica apenas para a América do Sul (Santos: 2011). Como anota Saraiva (2010), o renascimento da política africana, no início do século XXI, foi possível graças a uma nova conjuntura da PEB: há uma política coordenada baseada no interesse nacional com vistas à expansão da economia brasileira e dos agentes diplomáticos; essa nova política africana adquire bastante publicidade e suporte político e social, uma vez que é apoiada pelo Congresso Nacional, por universidades, por grupos afro-brasileiros, por empresas e por parte da opinião pública.

Como resultado da política de reaproximação ao continente africano, Lula empreende diversas visitas àquele país, e, como anota Saraiva (2010), muitas das visitas realizadas por Lula ou pelo chanceler Celso Amorim são acompanhadas por delegações, composta de ministros de variadas pastas, empresários e intelectuais; some-se a isso, conforme ressalta Santos (2011), expansão da rede de embaixadas, comprometimento com afrodescendentes no âmbito interno, incentivos à internacionalização de empresas brasileiras, formação de novas coalizões com países africanos, desenvolvimentos de projetos de cooperação Sul-Sul com esses países e abertura de escritórios da Embrapa e da Fiocruz em solo africano.

Com Lula, instalam-se novas representações diplomáticas brasileiras na África. No Brasil, o presidente eleito compromete-se com a população negra, por meio do incremento de políticas afirmativas com o intuito de integrar os afrodescendentes na sociedade brasileira, como, por exemplo, a concessão de bolsa para preparação ao concurso de admissão à carreira de diplomata e, a partir de 2010, a inclusão de cotas para afrodescendentes no certame (Santos: 2011).

A nova política externa africana implementou também avanços na área da economia, que experimentou aumento nos fluxos comerciais, como informa Visentini (2010). Ao longo do primeiro mandato, o comércio passou de US\$ 2,4 bilhões, em 2003, para US\$ 7,5 bilhões, em 2006 (Santos: 2010). Durante o governo Lula, empresas brasileiras passam a atuar no continente africano, promovendo a internacionalização desses empreendimentos naquele continente, como é o caso da Petrobrás, Vale, Odebrecht, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez (Santos: 2010).

Outra característica do governo Lula foi a atuação brasileira junto a Estados africanos, por meio de coalizões, como o IBAS – Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul e ASA – Cúpula América do Sul e África, importantes iniciativas de cooperação Sul-Sul e que permitiu maior influência dos países em desenvolvimento no cenário global (Visentini: 2010). Junto à União Africana (UA), organização regional de cooperação política, econômica e cultural da África, o Brasil assinou vários acordos de cooperação, como o projeto de incentivo à cotonicultura nos países do Cotton-4: Benin, Burkina Faso, Mali e Chade (Visentini: 2010).

Durante os anos do governo Lula, a cooperação Sul-Sul, tendo o país mais como ofertador de cooperação internacional do que como demandante, esteve em alta e o enfoque brasileiro na cooperação ofertada ao continente africano foi em Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD), por meio da ABC (Santos: 2011). Segundo a ABC, conforme anota Santos (2011), a cooperação brasileira ampara-se nas seguintes diretrizes: a) prioridade aos programas de cooperação técnica que favoreçam a intensificação das relações do Brasil com países em desenvolvimento, especialmente com os países de interesse prioritário para a PEB; b) apoio a projetos vinculados, sobretudo a programas e prioridades nacionais de desenvolvimento dos países recipiendários; c) canalização dos esforços de CTPD para projetos de maior repercussão e âmbito de influência e com efeito multiplicador mais intenso; d) estabelecimento de parcerias preferencialmente com instituições genuinamente nacionais.

O Brasil, atualmente, desenvolve projetos de cooperação técnica internacional em variadas áreas: esporte, cultura, energia, meio ambiente, direitos humanos desenvolvimento social, educação, agricultura, saúde, formação profissional, para citar alguns exemplos. Na agricultura, destaca-se a instalação de um escritório da Embrapa em Acra (Gana), como consequência da alta demanda africana por parcerias com o Brasil nesse setor (Santos: 2011). Ainda segundo Santos (2011), as ações da Embrapa vão desde a transferência de tecnologia para a produção de biocombustíveis até o desenvolvimento de horticulturas e frutas tropicais, devido à semelhança de clima e vegetação nos dois países e pela experiência adquirida pela Embrapa no Brasil, na transformação de zonas tropicais em cinturões verdes para produção de alimentos (Ayllón & Leite: 2010; Vaz & Inoue: 2007).

Destaca-se entre os projetos de CTPD voltados para a agricultura o apoio da Embrapa à Iniciativa do Algodão, com a instalação de fazendas-modelos cujo objetivo é aumentar a produtividade e garantir o desenvolvimento sustentável da cotonicultura (Santos: 2011). Parceria entre o Brasil e a União Africana, o Cotton-4², nome do projeto, beneficia Benin, Burkina Faso, Chade e Mali, a superar os prejuízos causados pelos subsídios aplicados pelos países desenvolvidos na produção do algodão (Santos: 2011). A atividade algodoeira é a locomotiva da agricultura dos países do C-4: Benin, Burkina Faso, Chade e Mali. O algodão tem importância fundamental nas economias desses países, onde a produção de algodão representa de 5 a 10% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto soma cerca de 30% do total dos ganhos com exportações e mais de 60% dos ganhos com a exportação de produtos agrícolas. Mais de 10 milhões de pessoas dependem diretamente da produção de algodão e muitas mais são indiretamente beneficiadas pelo setor³.

Dentre os 12 maiores produtores africanos de algodão, oito estão localizados na África Ocidental e Central, onde se encontram os países do C-4. As condições edafoclimáticas das zonas cotonícolas dos quatro países são basicamente semelhantes, não respeitando fronteiras. Dessa forma, as características e os desafios da produção de algodão nos países do Cotton-4 são muito semelhantes (ABC: 2009).

² Juntamente com o Benin, Burkina Faso, Chade e Mali, dois outros países do continente africano desenvolvem projetos estruturantes: Senegal e Moçambique.

³ Organização Mundial do Comércio, Comitê sobre Agricultura. Poverty Reduction: Sectoral Initiative in Favour of Cotton – Joint Proposal by Benin, Burkina Faso, Chad and Mali. (TN/AG/GEN/4, 16 de maio de 2003)

2. O COTTON-4

Os países do Cotton-4 (Benin, Burkina Faso, Chade e Mali) – Breve Histórico

Benin

O Benin é um país situado na costa ocidental da África e considerado um dos mais pobres do mundo. Sua população é de 9.099.922 habitantes, numa extensão territorial de 112.620km².⁴ No Benin, em 2008, a produção de algodão ocorreu em uma área de aproximadamente 250.000 ha, com uma produção em torno de 250.000 t de algodão em caroço. A produção se concentrou na região centro-norte do País, cuja precipitação fica entre 1.000 a 1.300 mm, distribuída de forma irregular no período de maio a novembro. A altitude máxima nessas regiões é de 450 m. A vegetação natural é típica de savana, com solos degradados e apresentando características de acidez e baixos teores de nutrientes. As lavouras possuem 3 ha em média, empregando-se força de trabalho essencialmente braçal. No preparo do solo, é utilizada a tração animal e, excepcionalmente, a do trator. Não se conhecem práticas de plantio direto e outros aspectos da agricultura de conservação. A produtividade média de algodão em caroço (algodão bruto, antes da separação da pluma pelo processo de usinagem) situa-se entre 800 a 1200 kg/ha. Até recentemente, a produção era adquirida pela Empresa SONAPRA, vinculada ao Estado, que realizava o descaroçamento e a comercialização, bem como fornecia insumos (sementes, fertilizantes e defensivos). O setor passa por um processo de privatização em que a Associação Inter profissional do Algodão (AIC) assume as funções anteriormente exercidas pela SONAPRA. A AIC funciona através de três órgãos gestores: a Assembléia Geral, o Departamento Executivo e o Secretariado Permanente. O setor de fiação e tecelagem é incipiente e 90% da pluma produzida é exportada.

A pesquisa agropecuária no Benin é de responsabilidade do Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas (INRAB)⁵, criado em 1992 e vinculado ao Ministério da

⁴ Mais informações sobre Benin estão disponíveis no site do IBGE em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>. Acesso em: 15/02/2012.

⁵ O INRAB conta com 15 pesquisadores dedicados à cultura do algodão, sendo dois doutores, cinco mestres e oito bacharéis. Nessas estações experimentais são realizadas pesquisas em entomologia, desenvolvimento de novas cultivares, fitotecnia e sócio-economia. O INRAB tem um banco de germoplasma com 60 acessos. As análises tecnológicas de fibra são realizadas em HVI (Instrumento de Alto Volume de Análise) da AIC e suas associadas, ou enviadas para o laboratório de fibras do CIRAD, na França (ABC: 2009).

Agricultura, Pecuária e Pesca. A pesquisa com algodão se concentra em duas estações experimentais, situadas ao centro do país, Bohicon mais ao sul e Parakou mais ao norte. Devido a problema de pragas, a estação de Bohicon ficou fora da zona produtora de algodão. A estação de Parakou e seus campos experimentais (anteines) estão localizados em condições agro-ecológicas mais favoráveis ao cultivo (ABC: 2009).

As principais áreas de interesse, manifestadas pelos interlocutores de Benin, para realização de atividades de cooperação técnica com o Brasil, foram: agricultura de conservação, intercâmbio de germoplasma; treinamento de recursos humanos em biotecnologia e biossegurança; controle biológico de pragas e apoio no treinamento de recursos humanos para transformação da produção de algodão em fios e tecidos, a partir do processamento da fibra, para agregação de valor e geração de empregos (Idem).

Burkina Faso

Burkina Faso, assim como Benin, localiza-se ao ocidente do continente africano, numa área de 274.220 km², e possui uma população total, até 2011, de 16.967.845 habitantes.⁶ Em Burkina Faso, o algodão é cultivado em uma área de aproximadamente 600 mil ha, resultando em uma produção em torno de 700 mil t de algodão em caroço por ano, colocando o País em disputa com o Egito pela liderança na produção algodoeira no continente africano. O cultivo concentra-se na região oeste do país, cuja precipitação é entre 800 a 1000 mm, distribuída de forma irregular no período de junho a outubro. A vegetação natural é típica de savana, com solos apresentando características de acidez e baixos teores de nutrientes. As lavouras possuem, em média 3 ha, empregando-se força de trabalho essencialmente braçal. No preparo do solo utiliza-se tração animal e, excepcionalmente, o preparo com trator. A produtividade média de algodão em caroço situa-se entre 1.000 a 1.200 kg/ha. A produção é adquirida pelas empresas privadas Sofitex, Faso Coton e Socoma as quais realizam o descaroçamento e a comercialização, bem como fornecem insumos como sementes, fertilizantes e defensivos. Dispõem de indústria de fiação e tecelagem (Filsah), porém de atuação incipiente, exportando aproximadamente 85 % da pluma produzida (ABC: 2009).

⁶ Mais informações sobre Burkina Faso estão disponíveis no site do IBGE em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>. Acesso em: 15/02/2012.

A pesquisa agropecuária em Burkina Faso é de responsabilidade do Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas e Ambientais (INERA), vinculado ao Ministério do Ensino Secundário, Superior e da Pesquisa Científica (MESSRS), criado em 1978. Os trabalhos de pesquisa com algodão se concentram na Estação Experimental de Sotuba, a oeste do país, em condições agroecológicas mais favoráveis ao cultivo. Essa estação tem 415 ha para experimentação, contando com três subestações (anteines) localizadas nas principais zonas produtoras do oeste do país. O INERA conta com nove pesquisadores dedicados à cultura do algodão, sendo dois na área de melhoramento, genético, dois em manejo cultural, dois em fitossanidade e um em sócio-economia. Na estação, são desenvolvidas atividades de pesquisa em entomologia, desenvolvimento de novas cultivares, fitotecnia, fitossanidade e sócio-economia. As análises tecnológicas de fibra são realizadas em HVI (Instrumento de Alto Volume de Análise) do próprio Instituto, que conta também com laboratórios de entomologia, solos, genética e fitopatologia/virologia. A Sofitex executa as análises tecnológicas de fibra para a grande maioria da produção algodoeira burkinabé (Idem).

As principais áreas de interesse, manifestadas pelos interlocutores de Burkina Faso, para realização de atividades de cooperação técnica com o Brasil foram: biotecnologia, melhoramento genético e intercâmbio de germoplasma, plantio direto e manejo integrado de pragas. Foi manifestado interesse também nas áreas de economia, com ênfase ao comércio exterior; desenvolvimento de projetos e treinamento de recursos humanos para produção de biocombustível, a partir de processamento do caroço, e para produção de fios e tecidos a partir do processamento da fibra (Idem).

Chade

Chade está localizado na parte central da África. Sua população é de 11.525.496 habitantes distribuídos ao longo de uma área de 1.284.000km².⁷ No Chade, a cultura do algodão foi introduzida na década de 1920 e, até hoje, constitui a base da economia rural. O setor cotonícola – a mais significativa fonte de emprego formal do País – é organizado pela Sociedade Algodoeira do Chade, ou “CotonTchad” – companhia paraestatal do Chade, a qual vende sementes e outros insumos aos produtores e tem o monopólio na compra do algodão bruto, no processamento e na venda da pluma. Pelo

⁷ Mais informações sobre Chade estão disponíveis no site do IBGE em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>. Acesso em: 15/02/2012.

menos um milhão de pessoas (cerca de 12% da população do País) têm sua fonte de renda baseada na produção do algodão. Contudo, a desertificação está acentuando a pressão social no sul, uma vez que criadores de gado procuram estabelecer novas pastagens em áreas que tradicionalmente eram dedicadas à cotonicultura. Além disso, a agricultura é altamente sensível a padrões climáticos, já que a produção depende da chuva e é realizada por pequenos agricultores, sem acesso a sistemas de irrigação. As longas distâncias até o porto de Douala, no Cameroun – o principal porto para exportação dos produtos do Chade – e uma infraestrutura precária prejudicam a competitividade do setor (ABC: 2009).

A produção cotonícola flutuou significativamente nos anos recentes, aumentando de 143.032 t de algodão bruto em 2000/01 para 183.000 t em 2002/03 – antes de cair para 102.200 t em 2003/04, resultado dos baixos preços, problemas na gestão da *CotonTchad* e do fracasso na privatização do setor. A expansão da área plantada, em função da garantia de 14% de aumento no preço do produto ao agricultor, elevou a produção para 208.000 t em 2004/05. No entanto, as dificuldades financeiras do *CotonTchad* e consequente atraso no financiamento aos produtores e na entrega de sementes, fertilizantes e defensivos, bem como a diminuição do preço pago ao produtor, provocaram a queda para 182.000 t de algodão bruto na safra de 2005/06, obtidas em 151.000 ha. Como nos casos anteriores, a produtividade do algodão em caroço no Chade não passa de 1.200 kg/ha. A pesquisa com algodão no país é coordenada pelo Instituto Chadeano de Pesquisa Agrícola para o Desenvolvimento (ITRAD) localizado próximo à cidade de Doba, a aproximadamente 400 km ao sul de N'Djamena (Idem).

Mali

O Mali é o quarto e último país que forma o C-4. De acordo com dados do IBGE⁸ o Mali possui uma população total de 15.839.538 habitantes em uma extensão territorial de 1.240.190 km², na porção ocidental do continente africano. No Mali, o algodão já foi cultivado em uma área de aproximadamente 600.000 ha até o ano de 2004, resultando uma produção em torno de 560.000 t de algodão em caroço por ano, o que dava ao país a liderança na produção algodoeira da África Ocidental. Atualmente, a

⁸ Mais informações sobre o Mali estão disponíveis no site do IBGE em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>. Acesso em: 15/02/2012.

área plantada no país não passa de 300.000 ha⁹. A produtividade média de algodão em caroço situa-se entre 1.000 e 1.200 kg/ha. A produção é adquirida pela Companhia Maliense de Desenvolvimento Têxtil (CMDT), estatal, em processo de privatização, que realiza o descaroçamento – contando com 17 usinas – e a comercialização. Ademais, fornece insumos como sementes, fertilizantes e defensivos (ABC: 2009).

Segundo a ABC, a pesquisa agropecuária no Mali é de responsabilidade do Instituto de Economia Rural (IER), que possui 22 estações experimentais e conduz 17 programas de pesquisa, sendo 14 referentes a produtos, onde se encontram as ações com algodão. O Instituto dispõe de laboratórios de solo, tecnologia de alimentos de origem vegetal e animal e nutrição animal. As análises tecnológicas de fibra são realizadas em HVI (Instrumento de Alto Volume de Análise) da CMDT. O IER tem uma coleção de germoplasma de aproximadamente 100 acessos, porém não dispõe de câmara fria para conservação. O trabalho de pesquisa é coordenado nas diferentes regiões do país pelos Centros Regionais de Pesquisa Agrícola – CRRA, dos quais os mais importantes são o CRRA de Sikasso, ao norte do país, e o CRRA de Sotuba, nos arredores da capital, Bamako.

As principais áreas de interesse, manifestadas pelos interlocutores de Mali, para realização de atividades de cooperação técnica com o Brasil, foram: treinamento de recursos humanos em biotecnologia e biossegurança; intercâmbio, documentação e conservação de germoplasma; controle biológico de pragas e projetos de implantação do sistema de plantio direto e integração lavoura-pecuária (ABC: 2009).

Os quatro países integrantes do C-4 apresentam características em comum, que reforçam sua união para o melhoramento da produção do algodão nessas regiões. Tanto Benin como Burkina Faso, Chade e Mali são importantes produtores de algodão no continente africano; empregam força de trabalho essencialmente braçal nas lavouras, possuem vegetação e solo parecidos, além de estarem geograficamente próximos. Todos possuem um instituto específico responsável pela pesquisa do algodão, o que ressalta a importância do produto para a economia desses países.

⁹ A produção de algodão no Mali ocorre em seis regiões do país, com variações de precipitação entre 800 a 1.200 mm, distribuída de forma irregular no período de maio a setembro. A vegetação natural é típica de savana, com solos apresentando características de acidez e baixos teores de nutrientes. As lavouras possuem 3 ha em média, empregando-se força de trabalho essencialmente braçal. No preparo do solo, utiliza-se tração animal e, excepcionalmente, tratorizada (ABC: 2009).

3. O PROJETO COTTON-4 – “APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO SETOR ALGODOEIRO DOS PAÍSES DO COTTON-4”

O Projeto C-4, intitulado “Apoio ao Desenvolvimento do Setor Algodoeiro dos Países do Cotton-4”, é fruto de um acordo entre o Brasil e a União Africana¹⁰ para a implementação do projeto de apoio à cotonicultura nos países do C-4. Com vigência de 36 meses¹¹, contados a partir de 1º de março de 2009 a 29 de fevereiro de 2012, e com custo estimado de 5.219.451,00, divididos entre as instituições participantes do projeto, conforme dados constantes no próprio C-4, o objetivo central é promover o aumento da produtividade e a qualidade do algodão dos países envolvidos, pautado pelo critério da sustentabilidade, ou seja, baseado em variáveis econômicas, ambientais e de segurança alimentar, sem as quais não apresentará o impacto desejável nas vidas dos cidadãos dos quatro países em consideração¹².

O C-4 é um projeto do tipo estruturante, ou seja, mobiliza atores de diferentes áreas, como centros de pesquisa, universidades, na formação de equipes multidisciplinares que tenham como meta comum a promoção de mudanças significativas nos paradigmas tecnológicos de um setor econômico ou, ainda, projetos de forte impacto econômico ou social que possam criar ambientes favoráveis a responder a grandes desafios nacionais.¹³ Baseado pelos critérios de sustentabilidade e de multidisciplinariedade, o projeto alcança um nível mais completo de realização, elementos que contribuem significativamente para o sucesso do desenvolvimento agrário dos países membros.

Embasado legalmente no Decreto N° 99.711, de 21 de novembro de 1990, no Acordo de Cooperação Técnica entre a República Federativa do Brasil e a União Africana de 28 de fevereiro de 2007 e em Protocolos de intenções em tramitação com países do Cotton-4, o C-4 realiza-se mediante as instituições co-executoras de cada país participante, quais sejam: Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas do Benin (INRAB); Instituto Nacional de Pesquisas Agrícolas e Ambientais (INERA) – de Burkina Faso; Instituto Chadeano de Pesquisas Agrícolas para o Desenvolvimento (ITRAD); e Instituto de Economia Rural (IER) – do Mali. A Empresa Brasileira de Pesquisa

¹⁰ A União Africana é uma organização regional de cooperação política, econômica e cultural da África, que congrega 53 Estados africanos.

¹¹ Há previsão de extensão do C-4 até dezembro de 2012.

¹² Conforme informações da Embrapa

¹³ Conforme informações da Embrapa

Agropecuária (EMBRAPA) é a instituição executora do projeto e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) ¹⁴ a responsável pela coordenação.

Em maio de 2003, os quatro países que formam o C-4 propuseram a Iniciativa do Algodão, como resultado da crise do setor cotonícola¹⁵. A proposta tornou-se representativa das complexidades envolvidas na Rodada de Doha ao expor o delicado equilíbrio entre comércio e desenvolvimento, estabelecendo um vínculo entre a queda de preços no mercado internacional e os efeitos danosos decorrentes da prática de subsídios. Os quatro proponentes da iniciativa argumentaram que as quedas nas receitas de exportação têm consequências diretas sobre os programas de redução de pobreza, geração de empregos, distribuição de renda e desenvolvimento (ABC: 2009). Ainda segundo a ABC, a partir da iniciativa dos países do Cotton-4 foi possível aliar as questões comerciais ao desenvolvimento visando melhoria das condições para exportação e comercialização do algodão.

A cooperação do Brasil com o C-4 vai além da ajuda para o desenvolvimento do setor algodoeiro naqueles países. O país os apoia para uma regulação mais justa do comércio neste setor e vem travando acirrada batalha junto à OMC. Sua vitória no contencioso do algodão com os Estados Unidos naquela organização em 2005 significou uma vitória para os quatro, e um avanço para a política externa brasileira, que ganha em credibilidade e visibilidade no cenário internacional.

Os objetivos específicos do C-4, pontuados no projeto por atividades, encontram-se em andamento. As ações de revitalização da Estação Experimental de Sotuba existente em Bamako - Mali, que funciona como Unidade Piloto de Pesquisa Adaptativa e de Demonstração de tecnologias inovadoras, recebeu adaptações necessárias à infraestrutura, incluindo pequenas obras e aquisição de materiais e equipamentos agrícolas e laboratoriais. Noventa e cinco por cento¹⁶ das obras de revitalização da estação foram finalizadas – construção de laboratório de solos, entomologia, biotecnologia e câmara fria para acondicionamento de sementes (banco de

¹⁴ A Agência Brasileira de Cooperação (ABC), é o órgão central encarregado de formular, gerenciar e controlar políticas de cooperação técnica internacional. Foi criada em 1987 pelo decreto 94.973 e é a responsável pela elaboração do texto do Projeto C-4.

¹⁵ A crise do setor cotonícola nos países do C-4 (1960) tem relação direta com os altos subsídios dados pelos países desenvolvidos aos seus produtores de algodão, assim como pela baixa produtividade do produto, que levou esses países a reduzir as áreas cultivadas (ABC: 2009).

¹⁶ Valores conforme dados do Relatório de Execução Física do Projeto, de 15/02/2012.

germoplasma). Além de Sotuba, houve implantação de dez unidades demonstrativas nos quatro países, sendo sete em Mali – seis junto ao produtor e uma na estação experimental – e as demais nos outros três países, para demonstração das variedades brasileiras. Também houve implantação de ensaios colaborativos entre as cinco melhores variedades da Embrapa testadas e as cinco melhores locais e a instalação de unidade demonstrativa de plantio direto de algodão sobre plantas de cobertura em Mali¹⁷.

As atividades de pesquisa, segundo a ABC, têm cunho adaptativo, validativo e participativo e são desenvolvidas na Estação Experimental de Sotuba, compreendendo as áreas de melhoramento genético/biotecnologia, solos/nutrição e manejo integrado de pragas. Na área de melhoramento genético, a ênfase é na transferência de variedades de algodão de domínio público, desenvolvidas para as diferentes regiões produtoras do Brasil. Tais variedades foram introduzidas nos países do C-4 a partir de 2010.

Na área de solos, o aspecto mais importante das pesquisadas é o de plantio direto, devido ao avançado estado de degradação dos solos africanos e à grande experiência brasileira no setor. Estudos nessa área mostraram a eficácia do plantio direto do algodão em solos sobre cobertura vegetal, que permitem melhor preservar e economizar o trabalho do solo. Em manejo integrado de pragas (MIP), são desenvolvidos trabalhos de ecologia e controle da lagarta da maçã, considerada a praga mais importante do algodão no continente africano. Durante as atividades de treinamento, a aplicação racional e correta de inseticidas recebeu atenção especial, recalçando-se a necessidade de reduzir seus custos e os efeitos colaterais sobre a saúde humana e o meio-ambiente. O resultado tanto da revitalização de estação de Sotuba, quanto das pesquisas adaptativas nas áreas de melhoramento genético, solos/nutrição/plantio direto e manejo integrado de pragas atingiu um percentual de oitenta por cento de execução¹⁸.

É importante destacar que o programa de capacitação constitui o aspecto primordial da execução do Projeto e realiza-se através de treinamento dado por pesquisadores da Embrapa, que se deslocam para a Estação Experimental de Sotuba – Mali, para ministrar cursos a técnicos dos quatro países, mas que também inclui visitas

¹⁷ Dados extraídos de documento sobre a atuação internacional da Embrapa na África, elaborado pela Secretaria de Relações Internacionais, Embrapa.

¹⁸ Valores conforme dados do Relatório de Execução Física do Projeto, de 15/02/2012.

de treinamento aos demais países do Cotton-4. Por outro lado, técnicos dos países parceiros viajam ao Brasil para treinamento específico nas áreas técnicas acima mencionadas, em instalações da Embrapa Algodão, demais unidades do sistema Embrapa e de outras instituições parceiras. Até novembro de 2011, 195 participações em cursos sobre melhoramento genético do algodoeiro, plantio direto e manejo integrado de pragas foram registradas¹⁹. As atividades de capacitação atingiram um total de sessenta e seis por cento em relação ao resultado esperado²⁰. Essas ações, tanto no Brasil como em Sotuba, são desenvolvidas de forma participativa e orientadas à solução dos problemas existentes nos países do Cotton-4 (ABC: 2009).

Ainda no âmbito da execução do C-4, entre as atividades inicialmente previstas, a utilização de material de disseminação sobre as novas tecnologias de produção de algodão preparados e disseminados a técnicos de extensão e agricultores encontra-se quarenta por cento executado. Essa atividade está sendo realizada com base nos relatórios dos países do C-4 com os resultados dos experimentos de 2010 e de 2011²¹.

As atividades do C-4 concentram-se em capacitação e transferência de tecnologia baseados em conhecimentos gerados no Brasil, para a produção de algodão em condições tropicais muito assemelhadas às condições das savanas úmidas dos países do Cotton-4. No Brasil, a tecnologia utilizada para a produção do algodão foi alavancada principalmente a partir da década de 1990 quando passou a ser cultivado nos cerrados do Planalto Central, até então livre da praga do “bicudo” do algodoeiro. Em pouco tempo, o Brasil passou de importador a exportador de algodão principalmente pelo grande aumento em produtividade. Tal posição foi obtida pela presença de um forte empresariado agrícola no Centro Oeste e por significativos investimentos feitos em pesquisa agropecuária, ocasionando o desenvolvimento de tecnologias adaptadas às novas condições locais de produção (ABC: 2009).

“Brazil’s green revolution”, como destacado pela revista *This is Africa*²², a respeito do desenvolvimento da produção agrícola em geral nos cerrados do Brasil nos anos 1990, foi um dos propulsores para produção agrícola em regiões africanas com características semelhantes às brasileiras, conforme transcrito a seguir:

¹⁹ Dados extraídos de documento sobre atuação internacional da Embrapa na África, elaborado pela Secretaria de Relações Internacionais, Embrapa.

²⁰ Valores conforme dados do Relatório de Execução Física do Projeto, de 15/02/2012.

²¹ Relatório de Execução Física do Projeto, de 15/02/2012.

²² Revista *This is Africa - A Global Perspective*, publicada pela Financial Times Limited, Aug/Sept 2010

“The experience of the cerrados region, which translates as “closed” or “inaccessible” in English, is perhaps the most striking example of Brazil’s green revolution” explains Ambassador Piragibe Tarragô. (...) “We have domesticated tropical agriculture. So we can now really partner with African countries... research and development is no panacea, but is very importante for development, and Embrapa has a lot of knowledge on tropical agriculture. There are many similarities between Brazil and Africa in terms of ecosystems and challenges”. (Dr. Pedro Arraes, the president of Embrapa).

A ABC, como unidade coordenadora do C-4, articula com as instituições co-executoras, através das Embaixadas do Brasil nos países do Cotton-4 e se encarrega de assegurar os fundos para execução do projeto, assim como do acompanhamento e avaliação do seu desempenho. A Embrapa Algodão é a unidade da instituição executora primordialmente responsável pelos aspectos técnicos do Projeto e envolve outras unidades do sistema Embrapa de acordo com as diferentes especialidades demandadas (ABC: 2009), como, por exemplo, a Secretaria de Relações Internacionais, unidade central da Embrapa, localizada em sua Sede em Brasília que monitora e articula com a própria Embrapa Algodão e com outras unidades dessa empresa e ABC, as ações referentes ao projeto.

A sede do C-4 está localizada em Bamako, capital do Mali, e é coordenado por Especialista Regional, empregado da Embrapa, responsável pela coordenação das atividades do projeto em seus aspectos operacionais. O coordenador envia à ABC, por intermédio da EMBRAPA, relatórios periódicos do projeto (tri e semestral) relatando as atividades desenvolvidas, visitas realizadas, assim como aponta dificuldades, desafios. Está estabelecido um Comitê Gestor²³ composto de um representante da instituição coordenadora (ABC), presidente; três representantes da Embrapa, membros (dois representantes da Embrapa Algodão e um da Secretaria de Relações Internacionais - coordenador do projeto); um representante de cada instituição de pesquisa executante (INRAB, INERA, ITRAD e IER), membros²⁴. O comitê se reúne duas vezes ao ano para avaliar as atividades técnicas e gerenciais desenvolvidas no período anterior.

Durante a quarta e última reunião²⁵, o Comitê sugeriu algumas recomendações visando a melhoria na execução das atividades do Projeto, entre as quais podemos

²³ Conforme previsto na Atividade A5.1. do Projeto Cotton-4

²⁴ Na prática, a Embrapa está com dois representantes a mais do que o previsto no projeto; não há representante da União Africana, e também não há um especialista.

²⁵ A segunda e última reunião do Comitê Gestor aconteceu em N'Djamena – Chade, entre os dias 31 de outubro e 2 de novembro de 2011.

destacar: colocar à disposição dos membros do Comitê os documentos relativos às atividades ao menos um mês antes da reunião; reforçar a comunicação entre os parceiros nos moldes da gestão do projeto; elaborar uma lista de sugestões de prioridades para uma segunda fase do projeto, e necessidade de revisar o documento do projeto devido à prorrogação do mesmo até dezembro de 2012; as diferentes delegações deverão fornecer as emendas e reenviar os novos documentos do projeto o mais tardar até o final de novembro de 2011. Essas sugestões fazem parte do papel do Comitê que, além de elaborar recomendações para serem aplicadas ao longo da execução do projeto, e avaliar o andamento das atividades e os resultados obtidos, melhora ou corrige algum procedimento.

A metodologia utilizada para realização, acompanhamento e gestão do projeto e ações previstas utiliza a ferramenta do software MSPROJECT²⁶, sob responsabilidade da ABC, e relevante para a manipulação dos dados do projeto. Como análise dos resultados foram realizadas ações de caráter técnico referentes a capacitações, testes de campo e pesquisas: relatórios das missões por parte de representantes da EMBRAPA, e ações de gestão: relatórios pelo Comitê Gestor realizadas em reuniões duas vezes ao ano.

No que se refere a investimento, o custo do Cotton-4 (5,219,451.00) é arcado pelas instituições participantes, representativa de cada país, sendo que pela parte brasileira essas despesas são divididas entre a EMBRAPA (899,900.00) e a ABC (4,110,351.00) que, juntas, respondem por mais de noventa por cento das despesas total do Cotton-4 (ABC: 2009). Não houve participação do setor privado com investimentos de qualquer natureza. Do custo total previsto, 58.006 por cento já foram utilizados, ou seja, 2,384,235.87. Até dezembro de 2010, o projeto apresentava percentual de setenta por cento de execução física, ao passo que de execução orçamentária estava, como dito, com cinquenta e oito por cento de seus gastos realizados. Analisando esses percentuais, podemos pensar em uma possível falha na previsão de gastos com o C-4, podendo este ter sido superestimado.

²⁶ O MSProject – Microsoft Project, é um aplicativo de gerenciamento de projetos utilizado para planejar, programar e representar graficamente as informações sobre projetos. Com este programa é fácil criar, modificar um conjunto de tarefas para atingir objetivos. O software de gerenciamento de projeto é uma ferramenta muito importante para o estabelecimento de um plano inicial de projeto. Ele recalcula rapidamente os cronogramas e permite como as mudanças em uma parte do projeto podem afetar seus planos como um todo. Somente a ABC, instituição coordenadora do Projeto, utiliza essa ferramenta.

A implementação de projetos como o Cotton-4, para a Embrapa, torna mais competitiva a tecnologia brasileira em outras partes do mundo e legitima a credibilidade brasileira como prestador de cooperação internacional. Junto a outras ações desenvolvidas pela empresa, vem abrindo portas, como a Medida Provisória de internacionalização da Embrapa²⁷. Por meio dela, a empresa passa a atuar de forma mais flexível em suas operações internacionais, tornando-se independente para criar escritórios no exterior, por exemplo, com maior flexibilidade de gestão e administração. O C-4 tem tido projeção internacional na OMC, o que significa a projeção de uma imagem positiva da Embrapa e do Brasil pelo mundo.

Interesses das partes

Tanto para o Brasil quanto para os países do C-4 há razões para os mecanismos de cooperação técnica. Entre ambos existe o interesse em fortalecer a cooperação Sul-Sul, que a partir do governo Lula (2003-2010), tendo o país mais como ofertador de cooperação internacional do que como demandante, esteve em alta (Santos: 2011). As relações com o continente africano só se intensificaram de lá para cá, comprovadas pelo incremento das relações políticas e comerciais entre ambos (Ribeiro: 2010).

Pelo lado africano, a transferência de tecnologia brasileira beneficia diretamente os pesquisadores do INRAB, do INERA, do ITRAD e do IER, que recebem treinamento em unidades da Embrapa, em cada um dos países participantes e na Unidade Piloto de Demonstração do Projeto instalada na Estação Experimental de Sotuba, em Bamako - Mali. Espera-se, também, que os produtores dos países do C-4 sejam igualmente beneficiados pela transferência de tecnologia brasileira que aumentará a rentabilidade do cultivo do algodão e dos cultivos alimentares associados. Indiretamente, é beneficiada grande parte da população dos países do C-4 por maior geração de emprego e renda e por maior disponibilidade de alimentos produzidos em rotação com o algodão (ABC: 2009).

Para o Brasil, o compromisso assumido pelo governo de apoiar o desenvolvimento tecnológico do setor algodoeiro, surge como mecanismo para enfrentar o aviltamento dos preços do algodão no mercado internacional ocasionado

²⁷ A MP de 23-9-2010 altera a redação da lei que criou a estatal, permitindo que as atividades de cooperação científica, tecnológica e de transferência de tecnologia fora do território nacional sejam exercidas com mais autonomia.

pelos subsídios pagos pelos países desenvolvidos a seus produtores (ABC: 2009). Desde 2002, o governo brasileiro vem travando na Organização Mundial do Comércio (OMC)²⁸ acirrada disputa contra os Estados Unidos questionando os subsídios pagos ao setor cotonicultor e que ocasionou, em 2009, a vitória do Brasil pela aplicação de contramedidas ao país norte-americano no valor de US\$ 829 milhões (Andrade: 2010). Ainda segundo Andrade, a vitória brasileira despertou muitos prognósticos otimistas sobre a participação dos países em desenvolvimento no Sistema Multilateral de Comércio (SMC), pois, segundo declarações do então ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, no SMC a lei internacional é aplicada igualmente a todos os países.

No que concerne à compensação para o setor cotonícola, foi negociada a proposta de transferência do valor de US\$ 147,3 milhões anuais (em parcelas mensais de US\$ 12,27 milhões) para ser destinado ao Instituto Brasileiro do Algodão (Iba), entidade criada para gerir o dinheiro e financiar projetos de interesse do setor (ABRAPA: 2010). Dessa forma, o Brasil disporá dos recursos do Fundo/Iba, via ABC, na cooperação internacional pró-algodão, beneficiando, assim, os países do C-4.

O C-4 afirma-se como projeto, mas depara-se com dificuldades. As principais, conforme destaca a técnica da Secretaria de Relações Internacionais da Embrapa²⁹, são: a) morosidade/distanciamento na gestão administrativa do projeto; b) diferentes níveis de conhecimento técnico-científico entre os profissionais dos países do C-4 que participam das atividades de capacitação; c) baixa geração de multiplicadores do projeto devido a pouca disponibilidade de especialistas do C-4. Em decorrência das dificuldades encontradas, e, por consequência, a não execução total das atividades inicialmente previstas, o C-4 será prorrogado até o final de 2012. Os principais desafios a serem vencidos são, ainda segundo a técnica: a) estimular a gestão integrada do projeto; b) promover rotatividade, quando possível, dos membros participantes dos trabalhos de treinamento/capacitação; c) monitorar a adoção da tecnologia disponibilizada pelo projeto.

Entretanto, apesar das dificuldades, podemos afirmar que o C-4 foi criado com a perspectiva e tornou-se um projeto bem sucedido. Se levarmos em consideração fatores

²⁸ A Organização Mundial do Comércio é uma organização do comércio internacional e conta com 156 membros à data de dezembro de 2011.

²⁹ Adriana Mesquita Corrêa Bueno é a técnica da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) da Embrapa responsável por acompanhar/articular o C-4, desde 2010. Depoimento realizado em fevereiro de 2012 na Sede da Embrapa onde está localizada a SRI.

como abrangência – trata-se de um projeto de cooperação técnica envolvendo cinco países, cada um com suas peculiaridades, o C-4 é um projeto de destaque; ele lançou as bases para, a médio e longo prazo, desenvolver uma agricultura pautada pelos critérios da sustentabilidade e do desenvolvimento nos quatro países africanos. A atividade algodoeira é a locomotiva da agricultura dessas regiões e por isso carecia de um estímulo nesse sentido para alavancar seu potencial. As dificuldades e desafios encontrados ao longo desses três anos de existência apontam para a melhoria das técnicas/atividades/gestão até então desenvolvidas, a serem aperfeiçoadas no decorrer dos próximos meses previstos para sua extensão.

Em relação aos ganhos do Projeto, esses serão repassados aos produtores dos quatro países africanos por meio da transferência da tecnologia brasileira, que aumentará a rentabilidade do cultivo do algodão e dos cultivos alimentares associados. A transferência dos conhecimentos adquiridos por pesquisadores e técnicos daqueles países aos produtores do algodão de Burkina Faso, Benin, Chade e Mali, será um processo relativamente lento. Por enquanto, ganhos reais em termos de produtividade, lucratividade, ainda não ocorreram, uma vez que os testes mal saíram das estações de pesquisa.

A execução de um projeto de cooperação técnica nas dimensões do C-4 faz parte das aspirações brasileiras de projeção e influência no cenário mundial. Junto a outras ações dessa natureza, o Brasil amplia cada vez mais sua participação junto a outras nações por meio da cooperação ofertada. De país receptor de cooperação a país ofertante, o Brasil passa por um momento importante, pois a cada dia surgem potenciais parceiros buscando o Brasil como aliado, especialmente no continente africano em geral, no qual o país possui vários projetos de cooperação técnica finalizados ou em andamento. Projetos como em Moçambique e no Senegal, por exemplo, tomam o Cotton-4 como modelo, seguindo o formato de projetos do tipo estruturante. Poder contribuir para o desenvolvimento de outros por meio de uma política de respeito, sem impor contrapartidas torna o Brasil o parceiro ideal.

A parceria Brasil-C-4 trouxe projeção internacional do projeto no âmbito da OMC, dando credibilidade a posição do Brasil em opor-se à política de subsídios pagos pelo governo norte-americano aos seus produtores de algodão. Ter como aliados quatro importantes produtores de algodão em solo africano, criando um novo modelo de

transferência, consolidou a proposta brasileira de cooperação sul-sul, intensificada durante os anos do governo Lula, e levou para a prática uma das diretrizes da cooperação brasileira baseada na prioridade aos programas de cooperação técnica que favoreçam a intensificação das relações do Brasil com países em desenvolvimento, especialmente com aqueles de interesse para a PEB.

RESUMO

O artigo centra-se no estudo do Cotton-4, um importante projeto de cooperação técnica entre Brasil e quatro países africanos: Benin, Burkina Faso, Chade e Mali, visando o desenvolvimento sustentável da cadeia do algodão. O estudo identifica as principais contribuições para os países envolvidos, assim como descreve os desafios enfrentados até 2011. Analisa as relações do Brasil com os quatro países africanos, buscando identificar as origens do projeto no contexto das políticas externas brasileira e africana.

Palavras-chave: projeto de cooperação técnica; África; algodão; contribuições; desafios

ABSTRACT

The article focus on the study of the Cotton-4, one important technical cooperation project between Brazil and four african countries: Benin, Burkina Faso, Chade and Mali, aiming at the sustainable development of the cotton chain. The study identifies the main contributions to the countries involved, as well as it describes the important issues confronted up to 2011. It analyses the relations of Brazil with the four countries involved, trying to reach the origines of the Project within the context of brasilian and african foreign politics.

Keywords: technical cooperation project; Africa; cotton; contributions; challenges

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO. “**Apoio ao Desenvolvimento do Setor Algodoeiro dos Países do C-4 (Benin, Burkina Faso, Chade e Mali)**”. Projeto de Cooperação Técnica. Brasília. 2009.

ANDRADE, PAULA COURY. **A vitória do Brasil na OMC e suas implicações para os países em desenvolvimento**. Mundorama. Divulgação Científica em Relações Internacionais, 2010.

AYLLÓN, Bruno & LEITE, Iara. **La Cooperación Sur-Sur de Brasil: Proyección solidária y política exterior**. In: Bruno Ayllón e Javier Surasky (coords). *La Cooperación Sur-Sur en Latinoamérica: utopía y realidad*. Madrid: Ediciones Los Libros de la Catarata/IUDC-UCM

Catálogo ABRAPA. Associação Brasileira dos Produtores de Algodão Biênio 2010/2012).

GARCIA, Eugênio Vargas. **Cronologia das Relações Internacionais do Brasil**. 2 ed. re., ampl. e atualizada. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RIBEIRO, CLÁUDIO OLIVEIRA. **Revista de Sociologia e Política V. 18, Nº 35: 55-79** FEV 2010.

SANTOS, Guilherme de Rose. **A Política Externa Africana e a Cooperação Técnica Entre Brasil e África no Governo Lula**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Relações Internacionais. Brasília, 2011.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **The New Africa and Brasil in the Lula Era: the rebirth of Brazilian Atalantic Policy**. In: CERVO, Amado Luiz & LESSA, Antônio Carlos (Ed.) *Emerging Brasil under Lula: an assessment on International Relations (2003-2010)*. Revista Brasileira de Política Internacional (ano 53 special edition). Brasília: Instituto Brasileiro de Política Internacional (IBRI), 2010, p. 169-182.

VAZ, 1996. Alcides Costa & INOUE, Cristina Yumie Aoki. **Emerging Donors in International Development Assistance: The Brazil Case**. Canada. IDRC, 2007.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A África na Política Internacional: O Sistema Interafricano e sua Inserção Mundial**. Curitiba: Juruá, 2010, p.215-236.

Web Sites (Últimos acessos em janeiro e fevereiro de 2012, respectivamente):

- Instituto Internacional de Língua Portuguesa: <<http://www.iilp-cplp.cv/>>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>

ANEXOS

Atividades do Cotton-4 previstas no Projeto de Cooperação Técnica ABC – Ministério das Relações Exteriores (2009).

ATIVIDADE

R1. Estação experimental de Sotuba, em Bamako, é revitalizada, para funcionar como Unidade Piloto de Pesquisa Adaptativa e de Demonstração.

A1.1 Identificar um Especialista Internacional e um Especialista Regional para garantir a coordenação das atividades do projeto em seus aspectos operacionais

A1.2 Contratar, por 36 meses, um Especialista Internacional e um Especialista Regional para garantir a coordenação das atividades do projeto em seus aspectos operacionais que serão avaliados ao final do primeiro ano do projeto.

A1.3 Contratar empresas locais para proceder à reforma e/ou às construções na estrutura física existente (laboratórios, escritório, auditório, galpão, vias de acesso, cercas etc.) para revitalizar a Estação Experimental que servirá de Unidade Piloto do Projeto.

A1.4 Adquirir veículos, equipamentos e materiais necessários.

A1.5 Realizar missões de acompanhamento da Unidade Piloto do Projeto.

ATIVIDADE

R2. Pesquisas adaptativas nas áreas de melhoramento genético, solos/nutrição de plantas/plantio direto e manejo integrado de pragas validadas.

A2.1 Enviar um especialista da Embrapa África para programar as ações de validação/demonstração de tecnologias disponíveis em solos / nutrição /plantio direto, melhoramento genético e manejo integrado de pragas. (uma vez por ano).

A2.2 Introduzir cultivares brasileiras de algodão (e de cultivos alimentares e adubo verde em rotação com o algodão) através de campos de validação/demonstração e transferir material genético de origem vegetal de domínio público para os países do C-4. (uma vez por ano).

A2.3 Introduzir metodologia de plantio direto, manejo de solos e manejo integrado de nutrientes através de campos de validação/demonstração. (uma vez por ano).

A2.4 Introduzir metodologia de manejo integrado de pragas, através de campos de validação/demonstração. (uma vez por ano).

ATIVIDADE

R3. Pesquisadores, técnicos e agricultores líderes dos países do C-4 capacitados em novas tecnologias de produção de algodão.

A3.1 Enviar coordenador aos demais países (Benin, Burkina Faso e Chade) para programar capacitação continuada em Fertilidade e Manejo de Solos. (uma vez por ano)

A3.2 Enviar dois especialistas brasileiros por 15 dias a Mali para ministrarem curso prático sobre plantio direto (uma vez por ano)

A3.3 Enviar doze técnicos dos países do C-4 (4 de Benin, 4 de Burkina Faso, 4 de Chade) ao Mali por 15 dias para participarem de curso prático sobre plantio direto (uma vez por ano).

A3.4 Capacitar, no Brasil, pesquisadores do Benin, Burkina Faso, Chade e Mali (3 especialistas de cada país) em Fertilidade e Manejo de Solos para cultivo do algodão (inclui capacitação sobre plantio direto). (uma vez por ano)

A3.5 Enviar dois especialistas da Embrapa por 15 dias ao Mali para ministrarem curso prático sobre Melhoramento Genético do algodão (uma vez por ano)

A3.6 Treinar doze especialistas dos países do C-4 (3 de Benin, 3 de Burkina Faso, 3 do Chade e 3 do Mali) no Mali por 15 dias em curso prático sobre Melhoramento Genético do algodão (uma vez por ano).

A3.7 Enviar oito especialistas dos países do C-4 (2 de cada país) para capacitação no Brasil em Melhoramento Genético do algodão (uma vez por ano).

A3.8 Enviar dois especialistas da Embrapa por 10 dias ao Mali para ministrarem curso prático sobre Manejo Integrado de Pragas do algodão (uma vez por ano)

A3.9 Treinar 20 pesquisadores dos países do C-4 (5 de Benin, 5 de Burkina Faso, 5 do Chade e 5 do Mali) por 10 dias no Mali em curso prático sobre Manejo Integrado de Pragas do algodão (uma vez por ano).

A3.10 Capacitar, no Brasil, pesquisadores do Benin, Burkina Faso, Chade e Mali (3 técnicos de cada país) em Manejo Integrado de Pragas do algodão. (uma vez por ano)

A3.11 Implantar vitrine tecnológica sobre boas práticas agrícolas e resultados da pesquisa em relação ao cultivo do algodão (a partir do segundo ano).

A3.12 Organizar dias de campo para pesquisadores, técnicos e agricultores líderes do Mali para demonstrar os resultados das pesquisas conduzidas (a partir do 2º ano).

A3.13 Organizar dias de campo para pesquisadores, técnicos e agricultores líderes em cada um dos países do C-4 para demonstração dos resultados de pesquisas (no terceiro ano).

A3.14 – Enviar 12 especialistas do C-4 (três de cada país) para participarem do V Congresso Brasileiro de Algodão (setembro de 2009) e do VI Congresso Brasileiro do Algodão (setembro de 2011).

ATIVIDADE

R5. Projeto monitorado e avaliado.

A5.1 Estabelecer um Comitê Gestor do Projeto composto de:

- um representante da instituição coordenadora (ABC), presidente;
- um representante da Embrapa, membro;
- um representante de cada instituição de pesquisa executante (INRAB, INERA, ITRAD e IER), membros;
- um representante da União Africana, membro;
- um dos especialistas do projeto

A5.2 Assegurar o funcionamento do Comitê de Gestão.

A5.3 Avaliar desempenho do projeto à metade e ao final de sua duração.
